

CARTA-ABERTA A ALBERTO DE OLIVEIRA – RESPOSTA A MÁRIO DE ANDRADE

Em 1925, numa segunda-feira, Mário de Andrade confessava a Manuel Bandeira sua perplexidade quanto a ver publicada, na *Revista do Brasil*, a carta-aberta que estava dirigindo ao Príncipe dos Poetas, Alberto de Oliveira, o qual, em recente entrevista para o jornal carioca *A Vanguarda*, havia comunicado sua adesão ao modernismo. A carta-aberta não era, porém, para manifestar júbilo, apoiar a decisão, pois o consagrado parnasiano não conseguira levar mais longe o compromisso, permitindo que suas declarações figurassem, sem alteração, nas páginas de *Estética*, porta-voz dos modernistas do Rio de Janeiro. *A Vanguarda*, segundo Sérgio Buarque de Hollanda, aparecia como um órgão contestador, mas, sem propósitos definidos e claros quanto à literatura, como era a *Estética*, uma revista literária, sobretudo. Alberto de Oliveira talvez tenha preferido não se comprometer tanto; pedira para corrigir “erros” e devolvera uma “outra” entrevista, neutralizada a ponto de não mais interessar. E esta segunda notícia correu tão rápida quanto a primeira no território modernista (1). Mário de Andrade, então, sentiu-se obrigado a analisar o acontecimento; naquele instante, era necessário não perder de vista os propósitos do modernismo, não abrir mão das conquistas, procurar entender todos os movimentos literários no contexto da cultura brasileira, não fraquejando no condenar a alienação do parnasianismo. A carta-aberta vale como uma escolha importante: é a luva atirada com elegância e bom humor – sem a agressividade demolidora dos “Mestres do passado” – mas, polemizando, de qualquer maneira. Mário quer vê-la publicada:

(1) As informações sobre a adesão de Alberto de Oliveira foram obtidas na entrevista de Sérgio Buarque de Hollanda e no texto de Maria Célia de Moraes Leonel em seu trabalho *A revista Estética: Contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. São Paulo, FFLCH, 1976. (dissertação de mestrado – xerox).

“Minha carta aberta ao Príncipe saiu muito gostosa e muito verdadeira. Não sei si sairá. Tem verdades duras dentro dela. Dei pro Paulo, ele se mostrou assinzinho. Disse que ia deixar pro Lobato resolver si publicavam ou não. Mandar pra Estética vai ficar já por demais fora de tempo e o próximo n. 3 da revista já está muito cheio de mim: Noturno de Belo Horizonte e notas críticas sobre Cendrars e Guilherme. Só se quiser tirar o que escrevi sobre Cendrars. É possível. Não faço questão de publicar isso. Si a Revista do Brasil não aceitar a Carta, mando pra você. Resolva por mim, si quiser. Verdades duras não quer dizer que seja ofensiva. Ao contrário, é calma e simpática. O Paulo, que a leu, gostou muito, e si não gostasse era incapaz de o dizer”. (2).

A desconfiança de Mário é confirmada; a *Revista do Brasil* não acolhe a “Carta aberta a Alberto de Oliveira”. Dirigida por Paulo Prado e Monteiro Lobato, tinha como viga mestra de seu programa a defesa da cultura nacional, tal como a entendia um grupo nacionalista capaz de reunir posições bastante diversificadas. Esse talvez tenha sido o ponto que provocou a escolha de Mário de Andrade: ali estava o espaço para a discussão sobre cultura brasileira, caminhos válidos e desca-minhos. A *Revista do Brasil*, porém, não se definia como modernista, embora a pesença de Paulo Prado garantisse colaboradores como Mário, Sérgio Milliet, Bandeira. Era uma revista eclética, dona de bom público, revista bonita, chique, cheia de ilustrações, com encartes de reproduções de quadros e tratando de tudo: política, artes, literatura, medicina, indústria, direito, etc. . (3) Não quis mexer em vespeiro. . . e a carta-aberta foi mesmo parar nas plagas modernistas da *Estética*, levada provavelmente pelo amigo Bandeira. O n.º 3, datado de abril-junho de 1925, aparece bem marcado por Mário de Andrade: “Noturno de Belo Horizonte”, poema, o longo ensaio sobre *Meu* de Guilherme de Almeida, o estudo sobre *Feuilles de route* e, no local quem sabe antes reservado à entrevista do mestre pamasiense . . . a carta-aberta! Para arrematar, a resenha de Prudente de Moraes, neto sobre *A escrava que não é Isaura!*

Alberto de Oliveira leu a análise que Mário lhe endereçava e não deixou nosso modernista sem resposta: em papel de fina qualidade, letra desenhada, escreveu-lhe uma carta pessoal, particular. Simples, curtíssima, refinada; carta de Príncipe encerrando a questão . . . No ano seguinte voltou a externar sua simpatia pelos modernistas, conversando com Prudente de Moraes, neto no “Patéfone” da última página do n.º 7 de *Terra roxa e outras terras* (a.1. 17 set., 1926). Admirava Guilherme de Almeida — o melhor poeta dentre os modernos — Menotti e Cassiano Ricardo; quanto a Mário, preferia sua prosa. O entrevistado finaliza as declarações falando

- (2) BANDEIRA, Manuel, ed. — *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro, Simões, 1958, p. 103. (Carta datada de “São Paulo, segunda-feira”, sem especificação de mês e ano; incluída pelo ed. em 1925; referências a Paulo Prado e Guilherme de Almeida).
- (3) Quem nos informa sobre a revista de Paulo Prado é Martha Lívia Volpe Orlov em *A Revista do Brasil e a formação de uma consciência nacional* (2 vols.). São Paulo, 1980. (dissertação de mestrado — FFLCH — USP — xerox).

com entusiasmo na edição próxima da 4a. série de suas *Poesias*, um volume de peso: “ - (. . .) Detesto os folhetos. Sempre gostei dos livros que ficam em pé na estante. Um livro que não fica em pé na estante, não fica em pé na eternidade. . . ” Continuava firme o parnasiano!

A carta de Alberto de Oliveira foi zelosamente guardada por Mário de Andrade em seu arquivo, fora da correspondência passiva lacrada. É um documento importante para o estudo da vida literária do modernismo, merecendo ser divulgado. Sua revelação, contudo, só tem sentido se ele for exibido junto da carta-aberta que lhe deu origem. É o que faremos aqui, em transcrição que manteve a grafia original de ambos. — TELÊ PORTO ANCONA LOPEZ.

**CARTA ABERTA
A ALBERTO DE OLIVEIRA ***

Príncipe.

Me desculpe começar esta. . . epistola? epistola, trelendo com o principado a que o sujeitou a estupidez monárquica dos literatinhos. Acredite: é caçoada que não ridiculariza o poeta porém os súditos dêle. O senhor é um homem às direitas ao menos nisso que não combateu aquelas nossas extravagâncias do começo da reação. Ficou sossegado, falando consigo "Mocidade é assim mesmo!" pitando o fumo da experiência. Gostei muito disso. Foi voltando aos poucos aquela simpatia que eu tivera pelo senhor e que perdera. Perdera sim. Cheguei a ter raiva do senhor. E com razão. O senhor me fez mal. A gente é moço, tem uma alma abundante que. . . meu Deus! é ver sáia de caféiro no Noroeste, fruta que é um despropósito, vai, começa com as idolatrias. O senhor, Bilac, Raimundo com que assombramento amei. E os grandes? Gonçalves Dias, Castro Alves? E Alvares de Azevedo, Gregório de Matos? E os outros, Basílio da Gama, Dirceu, Claudio Manuel? . . . Não vê que pegava mais nêles! Me amolavam porquê não tinham rima em edra nem sofriam da sarna galica do intojado Dorchain. Alguem me diz que a culpa era minha de me escravizar assim? Não era não. Mocidade não tem culpa. Vinte-anos é plantinha nova que ainda carece de espeque pra se encostar. O vinte-anos acredita. Acredita principalmente no espeque. Si gosta da gente recebe tudo o que nós falamos se rindo corado que nem cunhatã. Nem sempre aceita não, porém o dito fica martelando e vai mudar a linha do gesto dêle, isso é certo. Eis aí o que é vinte-anos. Pois então a gente pôde ter direito de só pensar na vaidadinha duma reforma petreca, sem profissão espiritual, formalista, fazer versos e não esclarecer, não aconselhar, quando muito, qual Bilac, prégar mas sem agir? Porquê, faça favor de me dizer: Que fez Bilac de util quando esteve prégando brasileiradas sem realidade de crítica na Academia daqui? Nada. Isto é, fez pior que nada: grelou por esta nossa terra toda a tiririca dum idealismo nacionalista xavier, desprático, envidado por tanta lambança literarica. Por todos êsses idealismos é que o Brasil e o brasileiro são massapé desaproveitado no mundo faz duzentos anos. Não é verdade, como o senhor disse no seu discurso de Petropolis, que os formalistas brasileiros embicassem o Parnasianismo francês na igarapaba auriverde por precisão de reagir contra a fôrma desleixada anterior. Foi porquê os senhores eram imitadores de França que reagiram contra a fôrma relativamente desleixada dos românticos. Isso se prova. Exemplo, experiência de outros é lição que a gente pôde aproveitar. Porém pra não ficar nêla. Observa, adapta, cria novidades, não repete. Os senhores repetiram. Sei bem que se anda

* Mário de Andrade não acatava a maioria dos substantivos compostos reconhecidos como tais; tirava-lhes o hífen prescrito pela norma ortográfica, colocando-o em outros que, a seu ver, mereciam ser tratados como compostos. Por essa razão foi mantida a forma "Carta aberta" (sem hífen).

falando que não teve Parnasianismo no Brasil porque a nossa natural sensibilidade lírica impediu que os senhores fossem impassíveis porém onde é que se viu impassibilidade em Heredia criando Pan e Marco Antonio, em muito Leconte e Banville? Não tem, nos momentos em que esses metrificadores foram poetas. Os senhores repetiram e ainda por cima ficaram na Grecia, em Roma, no Nirvana e Purna e um pouco de Brasil, valha a verdade, porque era mais facil buscar livros de vulgarização sobre essas coisas do que desencavar dizques sobre a Índia dos Upanishades e a Espanha do Romancero. E ainda outro juizo que carece de ser reformado: E' falso que os nossos poetas anteriores ao Parnasianismo sejam propriamente desleixados. Desleixado é palavra que não tem sentido qualificando os grandes, os que não seguem o abôio dos marroeiros. Porquê eles mesmos são marroeiros. E então essa barafunda que é o Hamleto? E o Fausto! E as rimas de Dante e de Camões? São todos desleixados em relação ao Parnasianismo, não tem dúvida, porém muito bonita essa maneira de criticar o passado tomando pra metro de juizo o presente e qualificar os grandes referindo-os a uma norma e não examinando-os em si mesmos! Desleixado Castro Alves! Porquê teve a sincera inconsciencia de escrever tal e qual falava sem se amolar com a cartilha de Lisbôa? Desleixado Gonçalves Dias que escreveu português de itajuba muito puro? Desleixado Claudio, metrificando como o que? E desleixado Alvares de Azevedo, êsse cantador que viveu? E mesmo considerando um poeta menor, Casimiro, como qualificar de desleixada uma fôrma que antes de ser fôrma é uma expressão verdadeira, muito pura duma alma coiósinha, coitada! A gente pôde conceber um Casimiro bem metrificado e com rimas ricas! Que adiantaria isso pra êle? Pra matá-lo como poeta, unicamente e só. Foi criado um fantasma pra justificar uma imitação. E me deixe continuar um pouco em queixas. Os senhores são bem culpados! Esbodegaram com o lirismo bonito que tinham dentro do coração. Quando releio Por Amor duma Lagrima, certas pagininhas do Livro de Ema, aquella sublime "Voz das Arvores", a admirável Sala de Baile, bem sei que tenho um poeta junto de mim. Porquê o senhor trocou tanto lirismo, liederesco como o de nenhum outro poeta brasileiro, por uma poesia de mentira, que frase complicada, puxa! cada torcedura de sintaxel pra só duas vezes, com os oito primeiros cantos do Paraíba e a "Ode ao Sol" conseguir uma fôrma que pôde enfim dominar pelo brilho estupendo? Sei que êsses lieder (não posso traduzir) que citei não são pouco não mas bem se vê que são acidentes no meio duma poesia de versos e nada mais. Alberto de Oliveira me desculpe: o senhor, os senhores são culpados. Recalcaram o lirismo bonito que tinham dentro do coração e o que é muito pior, com o mau exemplo de artifices cueras que foram, azaranzaram pelo menos duas ninhadas de poetas brasileiros. Os senhores têm a culpa dos Hermes Fontes, dos Martins Fontes tão pouco fontes. E foi um preconceito que nem pôde ser bem sentido que levou os senhores a imitarem a França e ficarem dentro dêla. E só dêla ainda por cima. O Romantismo citava Byron, Musset, Espronceda, Goethe. Nosso romantismo foi justo apesar de atrasado porque refletia uma comoção universal e não a comoção particular dum país emboaba. E teve embora idealista e errada uma função brasileira. Foi arte tradicional, foi arte interessada, primitiva. Por isso eu afirmo que foi brasileiro. Andaram vivendo, sentindo. A obra que deixaram

é de função social, religiosa, sexual, nacional. E só pôde ser assim a arte dum país que principia. Arte pura, desinteressada, arte artística é fenomeno de apogeu, de decadencia. Vá perguntar pros sacerdotes do vale do Nilo, pros rapsodos e cantadores de nomoi, pros menestreis enrabichados de Provença, de Inglaterra, da era Hohenstaufen, e. . . meu Deus! até pros que cantavam Jaci se faziam arte pela boniteza do fraseado ou por interesse mais imediato de religião, de nacionalização e de amor. Haviam de rir da pergunta. "Arte pura, não sei o que é" isso eles lhe secundariam, garanto. Num terra nova a arte tem de ser interessada sinão é falsa e nham-pam. Então a gente artefaz porquê está com vontade de cavar uma morena pra. . . bom! porquê tem medo da tempestade e do Sol que podem espantar o gado e queimar o milho embonecado, porquê carece de se ajuntar numa tribu tapuia ou tupi. Arte de ação. O Romantismo agiu errado mas porém agiu. Si tivesse uma evolução natural das tendencias espirituais do Romantismo pra cá nós hoje podiamos já estar seguindo e pondo prá frente uma arte nacional. E não estar assim sem tapejara, enroscado na serrapilheira da mata-virgem, correcorrendo, se ferindo, se sacrificando, errando, abrindo picada, quem sabe? morrendo antes de deitar os olhos nas praias nacionais da nossa Vupabussú. Nunca teve arte desinteressada e formal nos povos que principiavam. E os senhores agora se preocupando com rimas e hemistiquios sem Brasil! E sem amor. E muitas vezes sem nada! Porquê a existencia duma ou de outra poesia do senhor e dos outros lirica de verdade não perdoa todo o mau-exemplo que deram e a quebra de evolução que ficou. E quando eu, nós, porquê eu sou apenas um dos muitos dessa mocidade brasileira que enfraqueceu a rigeza da munheca por ter os braços encarangados dentro da japona parnasiana, quando nós começámos a perceber, no aparecimento das Tardes onde o artificio mostrava-se por demais, o caborge que os senhores nos tinham botado, a raiva rebentou. A sua frase a meu respeito textual que o Manuel Bandeira me repetiu foi: "Pois eu pensava que esse moço tinha prevenção contra mim". Não tenho prevenção, Alberto de Oliveira. Tive amor. Tive raiva. Agora tenho admiração bem fundada e estas censuras. Posso dizer que tenho amor outra vez. Todos estes são sentimentos que provam algum valor no individuo que faz eles nascerem. Prevenção indica indiferença inicial. Eu não sei o que é ser indiferente. Prevenção é preconceito, é sobretudo sentimentalismo. Eu tenho sentimentos, e batutas, lhe asseguro, não tenho sentimentalismo. A sua frase a meu respeito era depreciativa. Porém eu não me ofendo não. Não me ofendi e repito: Si tivessem me convidado pra votar no Principe, votava no senhor. Não porquê o considere maior poeta vivo do Brasil mas porquê considero Academias e Principados uma especie de Santa Helena, correição onde a gente prende aqueles capitães grandes que ainda podem fazer mal. O senhor está vendo: Verdade e não condescendencia é a maneira com que a gente do meu meio assunta e honra o valor.

Agora, Alberto de Oliveira, deixe que lhe conte alguma coisa sobre o nosso movimento. Pelo que reportou a Vanguarda e o "me contaram" da sua frase a meu respeito penso que o senhor só de oitiva sabe alguma coisa sobre nós. Nós também reagimos e macaqueámos. Porém nós, sim, imitamos porquê reagimos. Contra essa tiguera assú dos tais fontes e dum simbolismo e dum rodembachismo ainda arte

pura e sem função, hedonismo vazio, tínhamos que reagir. Não foi pra imitar Apollinaire ou Marinetti, primeiro ainda não lido e segundo não gostado, que em Dezembro de 1919 escrevi todinha a primeira redação de Paulicéa. Tristão de Ataíde, cabra perigoso da crítica moderna, sem me conhecer, viu nos exageros desse livro a revolta que o fatalizou. E apontava o belga Verhaeren, o norte-americano Whitman, o francês Hamp, o italiano Marinetti como inspiradores dessa revolta. E bem que ele podia ainda citar o alemão Becher, o russo Maiaskowsky, o austriaco Werfel e um poder de outros. Que penal Agora Tristão vem dizendo que em S. Paulo só tinha uma "tendência modernizante" e que modernismo veio no Brasil em 1921 dentro da mala de Graça Aranha. Não veio. Anita Malfatti desde o começo da guerra tomava lambadas do Lobato. E Brecheret, Oswaldo, Menotti, Graz, Haarberg, Sergio. E Guilherme. Era bem modernismo convencido, com grupo e obras bastantes. Porquê a gente estava ainda se desenvolvendo? Natural! Também Graça Aranha vinha falando em subjectivismo e na Semana de Arte Moderna pedia liberdade absoluta. Foi quando não me contive mais e gritei "Não Apoiado!" em pleno teatro. Ele até se riu pra mim. Pois agora Graça não está falando em objectivismo dinâmico? Está. Deixem ao menos o início do modernismo brasileiro pra nós. Só o início porquê hoje me parece que os paulistas estão se esgotando no diletantismo. É pena. Por todo 1920, Alberto de Oliveira, foi uma luta pra nós aqui. . . Oswaldo escrevia. Eu contra a geração do senhor. O Menotti então bem direitinho. Nesse mesmo ano Paulicéa era conhecido nos meios mais. . . adiantados? adiantados do Rio. Errado ou não deixem ao menos o começo do modernismo pra nós. E como lição espiritual não estava errado. Reação contra a vacuidade formal. Literatura de ação. Nacionalismo. Turtuveante? Pudera, adonde encontrar brasileiros no Brasil? A geração formalista dava quasi nada prá gente. O nacionalismo indianista era uma tese não era um sentimento. E quando sem ser indianista era sentido, Casimiro de Abreu, Gregorio de Matos, estava muito distante da nossa realidade presente. Imitâmos, não tem dúvida. Porém não ficamos na imitação. A distancia em que estamos hoje da Europa é estirão tão grande que nem se vê mais Europa. Quasi. Temos mais que fazer. Estamos fazendo isto: Tentando. Tentando dar caráter nacional práns nossas artes. Nacional e não regionalista. Uns pregando. Outros agindo. Agindo e se sacrificando conscientemente pelo que vier depois. Estamos reagindo contra o preconceito da forma. Estamos matando a literatice. Estamos acabando com o domínio espiritual da França sobre nós. Estamos acabando com o domínio gramatical de Portugal. Estamos esquecendo a patria-amada-salve-salve em favor duma terra de verdade que vá enriquecer com o seu contingente característico a imagem multiface da humanidade. O nosso primitivismo está sobretudo nisso: Arte de intenções práticas, interessada: arte sexual ou nacional ou filosofica (no bom sentido) ou de circo pra pagodear. Essas me parecem as tendencias duns e de outros. Estamos fazendo uma arte muito misturada com a vida. Só assim a nossa realidade, a nossa psicologia se irá formando e transparecerá.

Agora nada mais me resta que dizer-lhe o passe-bem. É possível que algum passadista ache esta carta desrespeitosa pois que me dirijo a uma pessoa ilustre e mais velha que eu. É possível. Com os mais velhos e ilustres não sou o que se

chama respeitoso, sou franco e rijo. Só respeito os mais moços que eu. Respeitar o passado é sentimentalismo. A gente deve respeitar o futuro porque êle depende de nós e é quem vai nos julgar. Si os senhores tivessem matutado nisso, não sei não. . . porém me parece que o chamado Parnasianismo brasileiro teria sido bem diferente do que foi.

Alberto de Oliveira, eu não tenho prevenção contra o poeta de Alma em Flor e o admiro.

São Paulo, 20 de Abril de 1925.

MARIO DE ANDRADE

(Estética, a. 1, nº 3. Rio de Janeiro, abr./jun., 1925, p. 332-39)

RESPOSTA A MÁRIO DE ANDRADE

"Mario de Andrade:

A carta-aberta que tive a honra de merecer-lhe, além de mostrar-me no Snr. um homem franco e leal, de cuja sympathia por mim já me haviam falado, é um documento de valor para os que tiverem de estudar esta hora agitada de nossas letras. Embora dissentindo em mais de um ponto do seu modo de pensar, reconheço, como aqui entre escritores e amigos da justiça tenho declarado, a cultura e a elevação de seu espírito, um dos mais fortes dos de sua geração. Estas qualidades e o trato delicado e generoso que em sua Carta me dispensou, tornaram-me, pode crêr, muito seu admirador e amigo.

Alberto de Oliveira / 30 de outubro de 1925"

(Correspondência passiva não lacrada – Arquivo Mário de Andrade – IEB – USP).

Mário de Andrade:

A carta-aberta que fiz a respeito do cretador
 lhe, além de mostrar-me ao Sr. o homem
 franco e leal, de cuja sympathia por mim
 já me haviam falado, é um documento
 de valor para os que desejem de estudar
 esta nova agitação de nossas letras.

Embora descehendo em mais de um ponto
 do seu modo de pensar, escrever, como
 aqui entre escriptores e amigos de justiça
 fôrto declarado, a cultura e elevação de
 seu espirito, um dos mais fortes dos de
 sua geração. Estas qualidades e o
 trato atencioso e generoso que me presta
 me dispensam, portanto, toda e qualquer
 palavra de admirador e amigo.

Alberto de Oliveira

30 de Outubro de
 1925